



**CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO BÁSICA**

CRISTIANE DOS ANJOS COSTA

**VÍNCULO MATERNO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DO APEGO:
ELEMENTOS PARA CONCEPÇÃO EM SAÚDE MENTAL**

Salvador
2017

VÍNCULO MATERNO NA PERSPECTIVA DA TEORIA DO APEGO: ELEMENTOS PARA CONCEPÇÃO EM SAÚDE MENTAL

¹Autor: Cristiane dos Anjos Costa

²Orientador: Ms. Ludmilla Fonsêca

RESUMO

Este estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo foi analisar de que maneira as produções científicas têm visto a relação mãe-criança na perspectiva da saúde mental. As bases teóricas que orientaram a discussão foram a Teoria do Apego de Bowlby e a Abordagem Sistêmica da Terapia Familiar. Os dados foram coletados na literatura clássica e na base do Scientific Electronic Library Online – Scielo, tendo sido utilizadas as palavras-chaves: Apego, díade mãe-filho, saúde mental. Foram selecionados a partir desta busca as publicações de 2010 a 2015, em língua portuguesa, os quais os textos estavam disponíveis na íntegra. Foram apresentados ao longo do escrito os principais conceitos teóricos como: comportamento de apego, padrões de apego, vínculos afetivos, modelos internos de funcionamento, responsividade materna, além de estudos sobre estilos de apego nas fases posteriores. Os resultados indicam que a qualidade do vínculo entre a díade mãe – criança está associada à saúde mental e, que há uma relação existente entre envolvimento não saudável e distúrbios psíquicos na criança

Palavras chaves: Apego. Díade mãe-filho. Saúde Mental.

LETRAS INTRODUTÓRIAS

Estudar sobre aspectos da qualidade da interação que se estabelece entre mãe e criança têm sido de especial relevância, uma vez que grandes teóricos do desenvolvimento consideram esse vínculo inicial como pedra fundamental. Acredita-se que o afeto seja essencial no período da infância, ainda maior que nas fases posteriores; e, que a atitude emocional da mãe orientará os afetos do bebê. Com base na teoria de Sptiz (2004), a presença da mãe e, as suas atitudes, por mais simples que sejam, chegam até o bebê como um estímulo.

Ampliando ainda mais o marco teórico, temos as ideias apontadas por Winnicott (1982), acerca da existência de um vínculo entre mãe e bebê, qual nomeia como amor,

¹ Pós-Graduanda em Atenção Básica à Saúde Mental pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

² Professora, Psicóloga, Psicopedagoga, Mestre em Educação e Contemporaneidade. Tutora do curso de Atenção Básica à Saúde Mental pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

assegurando que este se torne um adulto saudável, independente e socialmente mais comprometido.

Já Abreu (2005), ressalta que os primeiros anos deixam na vida da criança, marcas representacionais quanto a vinculação, afirmando ainda que quanto mais atenção e cuidados a criança receber de sua figura de apego (a mãe ou substituta), maior e melhor será a percepção que a criança desenvolverá a respeito de si mesma e do universo de interações.

Para amalgamar estas ideias pensemos na Teoria do Apego a qual sustenta que, para os bebês se tornarem adultos saudáveis, independentes, mas preocupados socialmente, é preciso que lhes seja proporcionado um bom princípio, que na natureza é assegurado pela relação mãe e criança. O que sugere a importância do estabelecimento da vinculação entre a díade mãe e criança. Segundo Bowlby (1990), principal teórico desta corrente, a saúde mental da criança, depende que ela viva uma relação calorosa com sua mãe (ou substituta permanente), na qual ambos encontrem prazer.

Os sentimentos maternos criam na relação entre a díade, o que se denomina clima emocional favorável, em todos os aspectos, ao desenvolvimento da criança; o que significa que as atitudes emocionais da mãe, seus afetos, servirão para direcionar os afetos do bebê e lhe conferir qualidade de vida.

Bowlby (1990), afirma que a base do desenvolvimento da personalidade e saúde mental da criança está na relação rica e compensadora com a mãe, enriquecida pelas relações parentais. Explica este mesmo autor que, quando a criança não encontra este tipo de relação, se estabelece uma situação que nomeia como “privação de mãe”. A criança sofre privação quando, vivendo em seu lar, a mãe (ou substituta permanente), não lhe proporciona os cuidados amorosos os quais uma criança pequena necessita, e, que os efeitos prejudiciais desta privação, como: angústia exagerada, necessidade de amor exagerado, fortes sentimentos de vingança e, em consequência culpa e depressão, distúrbios nervosos, personalidade instável, incapacidade de estabelecer relações com outras pessoas, irão variar dependendo do grau de privação.

Considerando que o vínculo materno é visto pela Teoria do Apego como de suma importância e, está associado a diversos aspectos do desenvolvimento do aparelho psíquico da criança o presente escrito vem pensar de que maneira a qualidade do vínculo entre mãe-criança tem sido associada à saúde mental? Haveria uma relação direta entre envolvimento não saudável e distúrbios psíquicos na criança?

A presente análise bibliográfica tem por objetivo geral refletir, de que forma as produções científicas, têm considerado a relação mãe-criança para a saúde mental na perspectiva da Teoria do Apego.

A relevância deste estudo mostra-se no fato de poder investigar as considerações feitas pelos pesquisadores sobre este vínculo inicial entre mãe-criança e, de que maneira contribui para estudos nesta área. Espera-se que o mesmo possa elucidar, e fornecer, importantes subsídios à orientação de pais quanto elaboração de ações efetivas de intervenção, com o intuito de empoderar o vínculo entre a díade, bem como também ampliar o arcabouço teórico contribuído para a área das ciências humanas.

Diante do exposto, têm-se como objetivos também: 1- desenvolver um estudo acerca do conceito de Vínculo e Responsividade Materna na literatura clássica e contemporânea; 2- descrever sobre a Formação do Vínculo entre a díade, e sua relevância para o desenvolvimento e saúde mental da criança com base na Teoria do Apego; 3- discutir ao longo do corpo deste estudo, sobre os achados e levantados da pesquisa da dinâmica interacional na díade.

Para ampliar o conhecimento sobre o assunto e atingir os objetivos propostos, a metodologia do trabalho desenvolveu-se a partir da pesquisa qualitativa, cuja investigação consistirá na análise de artigos científicos, monografias e teses referente ao tema central, as quais foram publicados na Base de Dados do Scientific Eletronic Library Online (SciELO). A coleta de dados foi realizada através do levantamento bibliográfico por meio da busca eletrônica de artigos indexados neste banco de dados, tendo como filtro o critério ano, língua e textos publicados na íntegra. Assim, foram selecionados os artigos dos anos de 2010 a 2015 disponíveis, em língua portuguesa, os quais foram selecionados após leitura dos resumos para verificação de aderência com o presente estudo os quais estavam disponíveis na íntegra. As palavras chave usadas foram os descritores: Apego, díade mãe-filho, saúde mental. As bases teóricas que sustentam esta pesquisa são a Teoria do Apego de John Bowlby, a Psicologia do Desenvolvimento e a abordagem Sistêmica da Terapia Familiar.

FORMAÇÃO DOS VÍNCULOS E SENSIBILIDADE MATERNA SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DO APEGO: COMPREENSÃO E INTERVENÇÃO DOS VÍNCULOS.

Em 1948, a Comissão Social das Nações Unidas promove um estudo sobre as necessidades das crianças sem lar. Foram consideradas “crianças sem lar”, as crianças órfãs

ou separadas de suas famílias ou àquelas que necessitam dos cuidados de lares substitutos por algum motivo. Como contribuição à Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs um estudo sobre os aspectos com os problemas relacionados com a saúde mental, sendo Bowlby convidado para essa tarefa.

Assim inicia a história de John Bowlby, um psiquiatra que, entre a década de 1950 e 1960, investigou e elaborou a teoria que procura explicar como ocorre – e quais as implicações para a vida adulta - dos fortes vínculos afetivos entre o bebê humano e o provedor de segurança e conforto.

Em seu relatório para a OMS, em 1950, o qual traz pesquisas desenvolvidas no período marcado pela Segunda Guerra Mundial, Bowlby revê as provas relativas aos efeitos adversos da privação materna para o bebê e argumenta, procurando especificar quais experiências afetivas seriam essenciais para a criança desenvolver habilidades e crescer saudável e os meios de prevenir tais efeitos.

O contato com a etologia, ciência que estava no seu repertório pelas mãos de Konrad Lorenz, o ajudou muito em seus estudos e possibilitaram que Bowlby elaborasse desta maneira a base teórica de seus trabalhos. Dessa forma, a teoria da vinculação de John Bowlby foi estruturada a partir do conceito de que existe um sistema de comportamento que busca proximidade e manutenção com uma pessoa específica que venha a fornecer uma base segura física ou psicológica (BOWLBY, 1990) Assim, comportamento de apego é tido para este autor como condutas inatas exibidas pelo bebê e definidos como: qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo (BOWLBY, 1989).

Para o autor faz parte da natureza humana estabelecer vínculos emocionais sólidos com indivíduos específicos (BOWLBY, 1988 apud BEE, 2003). Bee (2003) ressalta que os comportamentos de apego surgem quando o indivíduo sente que precisa de cuidados, conforto e amparo. Ou seja, a função do comportamento de ligação é a proteção, quando a criança sente que sua figura de apego corresponde de modo sensível ao seu chamado, às suas necessidades, ela tem a possibilidade de experimentar sensação de alívio e abrigo nos momentos estranhos e difíceis.

Compreende-se que, diante destes estudos, o bebê humano chega ao mundo em condição de vulnerabilidade fisiológica, dependendo de alguém que lhe forneça cuidados que garantam sua sobrevivência. Quando este cuidado acontece por meio de uma figura específica – a mãe ou um cuidador substituto responsivo, são denominados como Figuras de Apego, e,

essa disponibilidade poderá proporcionar à criança um desenvolvimento biopsicossocial saudável e seguro (BOWLBY, 2004).

Quando uma pessoa está apegada, traz consigo um sentimento especial de segurança e conforto na presença deste outro, e pode usá-lo como uma “base segura” a partir da qual consegue explorar o resto do mundo. Os comportamentos de apego desempenham uma parte importante nas primeiras fases de interação social e serão eliciados pelo bebê quando este estiver cansado, com fome, assustado ou sob estresse, levando-o a emitir sinais que podem desencadear a proximidade do seu cuidador, como: chorar, fixar, fazer contato visual, agarrar-se, aconchegar-se e sorrir. (BOWLBY, 1990 apud GROSSMANN, GROSSMANN, e WATERS, 2008).

Mazet e Stoleru (1990), em seus estudos sobre interações mãe-criança, postulam que durante muito tempo, o bebê era considerado um ser passivo, que sofria a influência do ambiente e de sua mãe. Porém, essa relação mãe-criança atualmente é concebida como sendo bi-direcional, ele não só é submetido às influências dos pais, mas de certa maneira, ele também influencia a quantidade e qualidade dos cuidados recebidos. Bowlby (1997), Afirma neste sentido, que a capacidade de constituir vínculos é tão forte como ver, ouvir, comer e digerir, e está presente nas espécies mamíferas, acreditando ser bem provável que a capacidade de vinculação tenha o valor de sobrevivência. E, acrescenta ainda ser produtivo considerar, que muitos distúrbios psiconeuróticos e da personalidade nos seres humanos, pode vir de um distúrbio da capacidade de estabelecer vínculos, devido a uma falha no desenvolvimento na infância ocorrido num ambiente familiar atípico.

Embora muito se reconheça que a psicanálise tem uma grande contribuição nos estudos quanto às origens das patologias humanas, ao identificar a importância dos vínculos afetivos nas vidas e problemas de seus pacientes, acredita-se que o apego tem uma motivação interna própria, que o difere da alimentação e do sexo, como considera a teoria freudiana (BOWLBY, 1988/1989 apud RAMIRES; SCHNEIDER, 2010). Bowlby recolheu relatos e fez observações da interação mãe – criança. Os dados que recolheu indicavam para uma direção diferente daquela que a teoria freudiana apresentava. Entendia-se que a razão pela qual a criança desenvolve um forte laço com sua mãe é o fato de que esta, a alimenta, sendo postulados dois tipos de impulsos: primário e secundário. O alimento é tido como primário; sendo que a relação pessoal, é tida como secundária. Bowlby percebeu que os fatos não se adaptavam a esta teoria (BOWLBY, 1990) o autor acredita que o essencial para a criança crescer saudável e feliz é a qualidade da interação entre ela e sua mãe e a satisfatória responsividade do adulto, e, não apenas a satisfação das necessidades orais da criança.

Pesquisas contemporâneas como as de Toni, Salvo, Martins e Weber (2004), postulam que além da função de proteção, o comportamento de apego, possibilita ao bebê interações sociais que favorecem o seu bem-estar e o seu desenvolvimento saudável, além do fato de que, quanto maior for a proximidade entre a díade mãe-criança, e mais forte seu vínculo, maior será a probabilidade da criança tornar-se no futuro um adulto resolvido, visto que, o apego seguro permite que o indivíduo sinta-se confiante e desbrave o mundo com facilidade.

Abreu (2005) descreve três características que distingue o apego de outros vínculos relacionais: 1- Busca de proximidade – no qual a criança tentará manter-se dentro dos espaços protetor de seus pais; busca por proteção quando encontrar-se em situações estranhas ou ameaçadoras. 2- Efeito de base segura – aquele que a criança se sente segura e protegida na presença de sua figura de vinculação, e consegue na presença dela, explorar o ambiente com confiança e, 3- Protesto de separação – Quando a criança sente-se ameaçada pela ausência do contato com sua figura de vinculação, protesta tentando evitar a separação.

Para compreensão e ampliação das características entre a díade, mãe-criança, faz-se necessário levar em conta que o progresso e a melhoria desse laço vincular, obedecerão a “sensibilidade” da mãe em serem responsivas as necessidades da criança, como também de forma complementar, à quantidade e à natureza do laço afetivo. Ainsworth et al. (1978 *apud* ABREU 2005), elaborou um procedimento laboratorial denominado de “Procedimento da Situação Estranha”, que consistia em uma série de procedimentos em que as crianças eram submetidas em uma sala com brinquedos e na presença de suas mães, sendo posteriormente separada dessa presença, ficando na presença de um desconhecido. Após breve período a mãe retomava a companhia de seu filho e novamente se ausentava. Nestas condições, observou-se que o comportamento é ativado como consequência da separação da figura cuidadora. Este procedimento objetivava mensurar a tensão acumulada pela criança na ausência de sua mãe, e trouxe importantes contribuições para a teoria do apego, ao demonstrar que o apego resultante da interação criança-mãe, varia na dependência do tipo de cuidado materno e das características inerentes a criança. Este procedimento possibilitou ainda a Ainsworth, classificar o comportamento das crianças como: *ansiosamente apegadas e evitativas, seguramente apegadas, ansiosamente apegadas e resistentes*.(idem *ibidem*). Tais achados foram recebidos com grande entusiasmo pela comunidade científica e serviram como inspiração numa imensidade de estudos e pesquisas, em outras fases do ciclo vital, nesta época e nos tempos atuais.

Neste sentido é mister afirmar que os apegos seguros geram um sentimento de conforto, cuidado, tornando mais suaves os efeitos do estresse e incertezas (MIKULINCEr,

FLORIAN e WELLER, 1993 *apud* JOHNSON e WHIFFEN, 2012). Assim, uma criança conectada de forma segura a sua figura de apego, diante de uma situação de estresse, tende a manter-se calma e confiante.

Baseado nestes estudos de Ainsworth, John Bowlby (1990), desenvolveu então alguns padrões de apego estabelecidos entre a díade mãe e criança: A saber: (1) **apego seguro**: a criança apresenta-se corajosa em conhecer o ambiente, diante de uma situação imprevisível e estranha não fica aflita com a ausência da mãe, é cooperativa com sua figura de apego; (2) **ansioso e esquivo**: tendem a evitar a mãe, principalmente se essa se ausenta, não apresenta conforto e relaxamento quando sua mãe tenta acalmá-la; (3) **ansioso e resistente**: são consideravelmente passivos, hesitam em procurar contato com a mãe, sentem raiva quando a figura de apego tenta fazer com que se interesse por brincadeiras que elas não participam.

Ampliando tal concepção os psicólogos do desenvolvimento, Shaffer (2005) e Bee (2003), elucidam sobre a importância do apego seguro e os analisa em longo prazo. Nestes estudos, referem por exemplo que, **crianças com apegos seguros**, tendem a ser melhores solucionadoras de problemas, apresentam jogos simbólicos mais complexos e criativos, demonstram mais emoções positivas que negativas, são mais atraentes aos olhos de outras crianças como companheiras, tornam-se líderes sociais nas escolas, iniciam brincadeiras com facilidade, são sensíveis as outras crianças, são curiosas e autocentradas para aprender; ao contrário das **crianças com apego desorganizado** as quais correm o risco de tornarem-se hostis e agressivas, além de ter uma inclinação a ser rejeitada por seus pares (SHAFFER, 2005).

O mesmo acontece quando adolescentes e/ou adultos, segundo Bee (2003), **adolescentes seguros**, têm amizades mais íntimas, possuem autoestima elevada, são apontados como líderes e tendem a praticar sexo seguro ao iniciar a vida sexual. Expressam menos raiva e evitação disfuncional, são mais assertivos e os **adolescentes com apego inseguros**, apresentam menos amizades positivas e apoiadoras, tendem a iniciar precocemente a vida sexual e praticar sexo menos seguro. (JOHNSON; WHIFFEN, 2012).

Em seus escritos sobre *cuidados maternos e saúde mental*, Bowlby (2006), afirma que para o bebê e a criança pequena crescer saudáveis e seguros, ambos precisam sentir que é um objeto de prazer de sua mãe, assim como a mãe precisa sentir o prazer em tê-los, e sentir sua personalidade como expansão na personalidade de seu filho, mãe e filho precisam experienciar essa satisfação e sentir-se profundamente identificados um com o outro. O autor segue pontuando que, cuidados maternos não se prestam por rodízios e por tratar de uma relação humana viva, que altera tanto a personalidade da mãe quanto do filho, essa relação

precisa ser contínua e calorosa. A partir daí pode se compreender a importância da relação com essa figura principal, a mãe ou (cuidador substituto) para o desenvolvimento da criança.

Estudiosos da Teoria do Apego, como Johnson e Whiffen (2012), acredita que uma conexão emocional segura é uma das necessidades humanas mais básicas; e que os roteiros para os dramas humanos que os terapeutas vêem representados em seus consultórios, estão nessa necessidade e nos medos de perda e isolamento que permeiam a vida dos indivíduos ao longo do seu ciclo vital.

Bowlby (1980, 1988 apud SHAFFER, 2005), afirma que os apegos primários moldam o comportamento e influenciam o caráter das relações futuras de um indivíduo. Ele acredita que, à medida que as crianças interagem com seus cuidadores, desenvolvem a partir da relação de cuidado, o que ele chama de *modelo funcional interno*, que são representações cognitivas de *si mesmas* e de *outras pessoas*. Essas representações são usadas pela criança para interpretar eventos e formar expectativas quanto o funcionamento das relações humanas. Sendo que, essa interpretação e avaliação elaborada a partir de seus modelos funcionais internos, determinam o que se sente (BOWLBY, 1973/1998b apud RAMIRES e SCHNEIDER 2010).

De acordo com Bee (2003) o modelo funcional interno começa a ser desenvolvido no final do primeiro ano de vida e torna-se mais complexo e firme ao longo dos primeiros quatro ou cinco anos de vida. Quando a criança adquire a linguagem, ela constrói modelos funcionais de como esperar que sua figura de apego, e outras significativas se comportem em relação a ela, é a partir dessa direção que a criança analisa a sua situação e traça seus planos. Estes modelos influenciam a percepção e avaliação, e podem ser válidos ou distorcidos (BOWLBY, 1990).

Os modelos funcionais são roteiros cognitivos que influenciam e são elaborados a partir das experiências de vida da criança e interações com sua figura de apego e pessoas significativas. Bowlby (1973/1998 apud RAMIRES e SCHNEIDER 2010), salienta que o modelo funcional do self é o fator principal para a noção de quão aceitável e amada ou não, a criança é para a sua figura de apego. O modelo formado afeta o comportamento da criança que tende a recriar, em cada novo relacionamento, o padrão que está familiarizado (BEE, 2003).

Johnson e Whiffen (2012), sublinham que o apego seguro está associado a um senso coerente, articulado e positivo do self de que é merecedor de amor e de cuidado, e, afirma que, pessoas com apego seguro acreditam que outras pessoas são receptivas quando necessário, e que são merecedoras de confiança. Dessa forma, a relação construída com esse

cuidador primeiro, em virtude da importância que vai se adquirindo ao logo do tempo, torna-se matriz pelo qual todos os outros vínculos posteriores se desenvolverão. Uma vez estabelecida à qualidade e segurança desses laços, associa-se com o bem-estar e saúde mental do indivíduo ao longo do curso de vida.

VÍNCULO AFETIVO E RESPONSABILIDADE MATERNA

Na continuidade dos estudos eis que pensemos sobre os vínculos afetivos como laços fortes que liga um indivíduo a outro, e tem a função de atrair a proximidade. Ainsworth (1989 apud BEE, 2003) define o vínculo afetivo como um laço em que o parceiro se torna uma pessoa única que não é trocada por outra, e existe um desejo de manter-se ligado ao parceiro. Bowlby (1990) salienta que, em numerosas espécies os vínculos fortes e persistentes surgem como uma regra. E que, nos mamíferos, geralmente os primeiros e mais persistentes são os vínculos entre mãe e filho. Concebe-se o vínculo como uma ligação afetiva que um humano ou animal cria com outro específico, sendo que nas relações humanas, esse vínculo inicial (entre mãe e criança) é modelo para as relações futuras (BIAGGIO, 1996 apud THOMAS e col., 2005).

Abreu (2005) pontua que o comportamento de vinculação funciona como mantenedor de proximidade, de uma criança (ou de um indivíduo) com aquele que anseia estar na companhia, seja com os pais, esposa, ou outro familiar preferido. Assim, percebe-se que há uma conexão entre vinculação e afeto, podendo dizer que, vinculação é a maneira que se encontra para manter a pessoa desejada por perto, e afeto é a sinalização da satisfação do que se sente ao perceber-se na companhia deste outro.

Nos estudos eliciados pela Psicologia do Desenvolvimento, quando se considera cuidado dos filhos pequenos, a referência é a figura materna (BOWLBY, 1990), que é considerada como modelo central no desenvolvimento infantil. Spitz (1998) nesta ótica dos estudos do desenvolvimento infantil e, das relações vinculares, ao se referir a relação mãe-criança, menciona o afeto como parte importante, como um caminho inicial no desenvolvimento. A mãe passa a ser “o parceiro humano do filho” e serve de mediador da percepção e conhecimento, de modo que os olhos do bebê seguem cada movimento da mãe. Ao mamar, olha não para o peito, mas para o rosto da mãe. Mãe e criança participam desta interação que favorece o vínculo e as relações afetivas.

De acordo com Robson (1967 apud KLAUS, 1992), um dos desencadeantes inatos de respostas maternas de cuidado é o contato olho-a-olho com seu bebê. Do outro lado, o bebê

também influencia as respostas da mãe com sua voz. O seu choro causa uma mudança fisiológica em sua mãe que costuma responder aproximando-se.

Ribas e col. (2003) em suas pesquisas sobre responsividade materna, afirmam que não se encontra na literatura um consenso na definição deste tema e, acreditam que exista uma falta de compreensão do que vem a ser *responsividade materna*. Porém citam entre outros, o que autores em regra afirmam ser responsividade materna: os comportamentos maternos direcionados, adequados e de imediato voltados aos comportamentos da criança. Mães responsivas são aquelas que respondem de forma devida, sensível e rápida aos sinais da criança (BRETHERTON, 1992 apud RIBAS E COLABORADORES, 2003).

Estudos sobre responsividade materna têm sido associados ao referencial da Teoria do Apego. Ribas e Moura (2004) ao tratar desta relação -responsividade materna e teoria do apego- relatam que, sensibilidade materna está relacionada aos comportamentos específicos da mãe, o que se aproxima da definição de responsividade e estão associadas ao tipo de calor, proximidade, intimidade. Pontua ainda, a partir das análises feitas que, responsividade (ou sensibilidade) materna, constituem um dos elementos envolvidos nas primeiras relações entre a criança e sua figura de apego, sendo isto fundamental para compreender a qualidade do apego em fases seguintes do desenvolvimento da criança.

Indo mais além, no que se refere ao bom desenvolvimento da criança e de suas habilidades. Werner e Ruth Smith (1992 apud por BEE, 2003) em seus estudos, apresentam um relato de pesquisa sobre *Resiliência entre crianças que crescem na pobreza*. Eles descrevem um estudo feito com 505 crianças nascida na Ilha Havaiana que apresentavam grandes riscos em seu desenvolvimento: pobreza crônica, instabilidade familiar, baixo nível de instrução da mãe e problemas físicos significativos. Contudo, esses estudiosos relatam que cerca de um terço dessas crianças estudadas conseguiram evitar problemas da adolescência e idade jovem, como: delinquência e problemas de aprendizagem ou saúde mental, por trazerem consigo fatores tais como: 1- vivências de vínculos positivos com pelo menos uma pessoa amorosa quando bebê, por serem carinhosos e bem-humorados quando bebês e 2- apresentação de bons relacionamentos com os pares. Estes fatores se tornaram protetores o que favoreceu um bom resultado somado com as qualidades e habilidades que a criança trazia para a interação com seu meio ambiente. Horowitz (1987, 1990 apud BEE 2003), ao explicar sobre a interação da criança com seu meio ambiente, ressalta ser importante levar em conta o que chama de “caráter facilitador” do ambiente. E acrescenta que um ambiente de caráter facilitador é aquele em que a criança pode contar com pais amorosos e responsivos e que são estimuladores.

CONCLUSÃO

Como visto, o núcleo da terapia familiar sistêmica, está em focar a família como o contexto para compreender como seus membros se desenvolvem e se modificam quanto a concepção de si mesmo e dos outros, e, o poder que a família tem na influência do comportamento dos seus membros (MINUCHIN, 2009). Por isso, o amor materno que uma criança necessita é tão encontrado no seio da família e, difícil fora dela. A criança se sentirá segura - a não ser que os pais a rejeitem totalmente - por saber que tem algum valor para alguém que se dispõe para cuidar dela. A pesquisa psicológica contribui para um equacionamento dos problemas, à medida que oferece informações sobre a natureza da relação mãe-criança, de maneira a demonstrar a importância da responsividade do adulto e, a qualidade da interação com a criança para formação dos vínculos que caracterizam o apego. De acordo com Osório e Valle (2009) está demonstrada por estudos de casos, a eficácia das intervenções ente pais-crianças, e mais especificamente entre mãe-criança, nos transtornos do bebê.

Frente aos estudos empreendidos a qualidade do vínculo entre mãe-criança tem sido associada à saúde mental e, de fato, as pesquisas apontam uma relação existente entre envolvimento não saudável e distúrbios psíquicos na criança na interface com o apego seguro. Neste sentido, podemos concluir que há que se considerar a relação mãe-criança como estruturante para a saúde mental na perspectiva da Teoria do Apego. Os sentimentos maternos, como já referido, criam na relação entre a díade, clima emocional favorável, ao desenvolvimento da criança; o que constitui que os estilos emocionais da mãe e os seus afetos, servirão para direcionar os afetos do bebê e lhe conferir qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

1. SPITZ, René Arpod. **O Primeiro Ano de Vida**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
2. WINNICOTT, Donald Wood. **A Criança e o Seu Mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
3. ABREU, Cristiano Nabuco. **Terapia do Apego. Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
4. BOWLBY, John. **Apego: A Natureza do Vínculo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

5. BOWLBY, John. **As origens do apego. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego.** 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
6. BEE, Helen. **A Criança em Desenvolvimento.** , 9ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
7. BOWLBY, John. **Apego e perda: separação: angústia e raiva.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
8. GROSSMAN, Klaus. E; GROSSMAN, Karin; WATERS, Everett. **Apego da infância à idade adulta: os principais estudos longitudinais.** 2ª ed. São Paulo: Roca. 2008.
9. MAZET, Phillipe. **Manual de Psicopatologia do recém-nascido.** 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
10. BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos laços afetivos.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
11. SCHNEIDER Michele Scheffel; RAMIRES Vera Regina Rohnelt. **Revisitando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação?**.Psicol. Teo. Estud;26(1): 25-33,Jan/Mar, 2010.
12. TONIPlínio Marco; SALVOCaroline Guisantes; MARINS Marcos César; WEBER, Lídia Natália Dobriansky. **Etologia humana: o exemplo do apego.**Psico. USF: 9(1): 99-104, Jan/Jun.2003.
13. JOHNSON, M. Susan; WHIFFEN, E. Valerie. **Os Processos do Apego na Terapia de Casal e Família.** São Paulo: Roca, 2012.
14. SHAFFER, David R. **Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência.** 1ªed. São Paulo: 2005.
15. BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos laços afetivos.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
16. THOMAZ, Ana CPimenteira; LIMA Maria RTenório; TAVARES Carlos HFalcão, OLIVEIRA Carlos Gonçalves. **Relações afetivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo: variáveis sociais e perinatais.** Psicol. Estud; (Natal), 10(1): 139-146. 2005.
17. SPITZ, René Arpad. **O Primeiro Ano de Vida.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
18. KLAUS, Marshall H. **Pais/Bebê: a formação do apego.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

19. RIBAS, Adriana F. Paes; MOURA, Maria L. Seidl. **Responsividade Materna: Levantamento Bibliográfico e Discussão Conceitual.** *Psicol. Refl. Crit*; 16 (1): 137-145. 2003.
20. RIBAS, Adriana F. Paes; MOURA, Maria L. Seidl. **Responsividade Materna e Teoria do Apego: Uma Discussão Crítica do Papel de Estudos Transculturais.** *Psicol. Refl. Crit*; 17(3): 315-322. 2004.
21. MINUCHIN, Salvador. **Famílias e casais: do sintoma ao sistema.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
22. OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria E. Pascual. **Manual de Terapia Familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2009.